

Um dicionário provisório de todas as palavras

Vincenzo Russo

A obra de Manuel António Pina (1943 -2012) vai da poesia à literatura infantojuvenil, da crónica à narrativa, até a reflexão crítica sobre poesia e literatura e situa-se cronologicamente entre a primeira metade dos anos 70 e os primeiros anos do novo milénio. No jogo das gerações ao qual a crítica nacional – numa ânsia, nunca disfarçada, de sistematização – é muito sensível, Manuel António Pina pertence ou pertenceria àquele grupo de poetas a ele contemporâneos (Nuno Júdice, Al Berto, António Franco Alexandre, João Miguel Fernandes Jorge, Joaquim Manuel Magalhães) que procuraram novas vias de renovação poética para um Tempo e um País novo, para aquele que o poeta Ruy Belo chamará profeticamente em 1969 de «Portugal Futuro». Há quem, como E.M. de Melo e Castro (1995), numa tentativa de cartografar a poesia nova do início da década de 80, se atreve a dizer que existe uma *não-geração* de poetas que rejeita ou ignora a ideia de geração.

Se a Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974 marca, indubitavelmente, um ponto de viragem histórico fundamental para Portugal, e não só (o fim do fascismo na sua versão salazarista significa não apenas o início do processo democrático do País, mas também o fim da guerra colonial e o começo do processo de descolonização das antigas colónias africanas), na cronologia cultural a passagem epistemológica de um horizonte moderno a um horizonte pós-moderno é mais fluída e móvel. Ainda que tentados a fazer coincidir o surgimento de algumas atitudes já pós-modernas na cultura portuguesa dos anos 70 com o processo de democratização e europeização (Portugal que, de país atlântico, «volta» a ser europeu), é impossível estabelecer com exatidão a origem e a evolução das

fraturas artístico-literárias, tanto mais numa história ideal e «sentimental» das poéticas portuguesas; podem apenas encontrar-se sinais pós-modernos ou resíduos modernos, resistências e antecipações, indícios esparsos de uma história estratificada que a poesia dos anos 70 para cá em Portugal ajuda a decifrar.

Neste contexto, podemos, de alguma forma, dizer que a obra de Manuel António Pina mais que uma terceira via (entre, digamos assim, o «regresso ao real» de alguns poetas sobre cujo abuso dessa etiqueta crítica muito haveria a dizer e um filão «neo-romântico» e mais confessionalista) representa uma solução individual, uma afastada experiência duma oficina poética que faz lembrar o trabalho singular de um artesão de província cuja arte e competência são procurados por uma multinacional à procura de peças únicas e raras. Manuel António Pina faz-nos lembrar - pela sua excentricidade em relação a certos filões de poesia nacional, pela voz reconhecível e apurada ao longo dos anos num estenuado labor de contenção e desistência, de subtração «feliz» de matéria poética -, um claro caso de um não-contemporâneo da contemporaneidade, irónico quanto basta para não sucumbir perante a catástrofe do mundo «Entre a minha vida e a minha morte mete-se subitamente A Atlética Funerária, Armadores, Casa Fundada em 1888» in *Farewell Happy Fields* (1992), discreto quanto basta para não se incomodar perante qualquer pretensão da perenidade das coisas - «Estou sempre a falar de mim ou não. O meu trabalho / é destruir, aos poucos, tudo o que me lembra» in “Nenhuma Coisa” in *Ainda não É o Fim nem o Princípio do Mundo Calma É apenas um pouco Tarde* -, pós-metafísico quanto basta para não deixar de ter compaixão pelo homem e pela mulher do seu tempo.

Tradutor e ensaísta, é, todavia, enquanto poeta que ocupa um lugar claramente reconhecível na poesia finissecular novecentista. A sua estreia poética (*Ainda não É o Fim nem o Princípio do Mundo Calma É apenas um pouco Tarde*, 1974) coloca -o convencionalmente entre os representantes da geração de 70, embora, como observou a crítica mais atenta, a sua voz seja completamente independente, e o seu estilo não siga (pelo menos, de forma explícita) nenhum modelo da tradição. A produção poética, não extensíssima, compacta – ao ponto de, mais do que de um conjunto de livros, se falar num «imenso, único poema» (Pedro Eiras) –, foi reunida em dois momentos: em 1992 e em 2001 (*Poesia Reunida*, 1974 -2001). Se há um centro que nos pode orientar nesta poesia – que

faz da sua dimensão *debole*, inatural, própria de um tempo posterior e consumido (projeto poético modernista nacional na sua última expressão antes de se extinguir), uma atitude característica perante o mundo e a História –, esse centro é seguramente o pendor reflexivo ou autorreflexivo sobre os limites, as ilusões da palavra. «Poesofia» foi o nome dado à poesia de Manuel António Pina, em razão daquela constante interrogação da linguagem sobre si mesma, destinada (fatalmente e por sucessivos processos, muitas vezes vãos e falimentares, de pesquisa ontológica) à insuficiência do dizer, do cantar, da restituição mimética. E eis que desse centro irradia um conjunto de temas -paradigma da poesia de Manuel António Pina: a infância como retorno às origens também linguísticas, onde a linguagem implica sempre uma dimensão pré-lógica e sacra, a memória como património não só de experiências individuais mas como arquivo também cultural (eis o carácter pós-moderno desta poesia) ao qual recorrer para calibrar a citação, o pastiche, as alusões, a glosa, o remake, numa repetição inventiva que dá forma e conteúdo à procura, a morte como marca da fragilidade das coisas humanas e marca da inanidade do sujeito face ao tempo linear, inelutável medida da existência. E depois o silêncio (Santos, 2004) como aspiração e como nostalgia de uma linguagem que ainda saiba, ainda que parcialmente, redizer o ser.

O poema “Todas as palavras” de *Atropelamento e fuga* de 2001 é, neste sentido, uma espécie de exercício antológico de todas as tensões poéticas e filosóficas de Manuel António Pina, resumidas numa espécie de manifesto da insuficiência da palavra, de todas as palavras: a história do sujeito poético que declara a própria impossibilidade de ter ou de ser todas as palavras é o relato do impossível (como nas *impossibilia* latinas ou nos *adynata* gregos).

As que procurei em vão,
principalmente as que estiveram muito perto,
como uma respiração,
e não reconheci,
ou desistiram
e partiram para sempre,
deixando no poema uma espécie de mágoa

como uma marca de água impresente;
as que (lembras -te?) não fui capaz de dizer –te
nem foram capazes de dizer -me;
as que calei por serem muito cedo,
e as que calei por serem muito tarde,
e agora, sem tempo, me ardem;
as que troquei por outras (como poderei
esquecê -las desprendendo -se longamente de mim?);
as que perdi, verbos
e substantivos
de que por um momento foi feito o mundo
e se foram levando o mundo.
E também aquelas que ficaram,
por cansaço, por inércia, por acaso,
e com quem agora, como velhos amantes
sem desejo, desfilio memórias,
as minhas últimas palavras

Sente -se uma obstinação *debole* – não heróica nem furiosa – perante a procura, o esquecimento, os restos das palavras: palavras inefáveis, inatingíveis, irreconhecíveis, quase sobras de um sinal, marcas de água impresente, palavras que a História não registará porque insuficiente é o canto e a memória e a voz do poeta. Uma lição, talvez um legado, para toda a poesia portuguesa vindoura.

Bibliografia mínima

Pedro Eiras, “Metodologia da dúvida”, *Relâmpago*, n. 10, Abril de 2002, pp. 154-156.

Rui Lage, *Manuel António Pina*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2016.

E. M. Castro, “Anos 80: sobreviver na costa atlântica” in *Voos da Fénix Crítica*, Cosmos, Lisboa, 1995, pp. 201-209.

Inês Fonseca Santos, *A poesia de Manuel António Pina. O encontro do escritor com o seu silêncio*, Departamento de Línguas Românicas, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.